

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: LICENCIATURA

A NOVELA “INTERNATO”, DE PAULO HECKER FILHO, E SUAS VERSÕES

GABRIELLY CRISTINA BARROS DE ASSIS¹
FÁBIO FIGUEIREDO CAMARGO²

Resumo: Este artigo analisa as diferentes edições da novela *Internato*, de Paulo Hecker Filho, a partir do aporte teórico da Crítica genética, percebendo as divergências e convergências entre as edições dos anos 1951, 1968, 1998. Nota-se que em duas das diferentes edições, 1951 e 1998, – a edição de 1968 não sofreu alteração –, o teor da novela passa por uma construção de sutileza, que não havia na primeira edição, e isso demonstra o quanto o autor quis que seu texto fosse utilizado para uma maior interação com o público.

Palavras-chave: Internato. Homoerotismo. Crítica genética.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as diferentes edições da novela “Internato” de Paulo Hecker Filho, a partir do aporte teórico da Crítica genética, percebendo as divergências e convergências entre as edições dos anos 1951, 1968, 1998. Nota-se que em duas das diferentes edições, 1951 e 1998, – a edição de 1968 não sofreu alteração –, o teor da novela passa por uma construção de sutileza, ou seja, as cenas entre Jorge e Eli não foram tão explícitas quanto as outras edições, que não havia na primeira edição, e isso demonstra o quanto o autor quis que seu texto fosse utilizado para uma maior interação com o público.

Esta novela se apresenta, em algum momento, como um aporte para abordar a questão da homossexualidade e seus desdobramentos sociais — discutida no decorrer do texto —, observando o posicionamento do autor sobre o tema. A obra, apesar de apresentar uma abordagem equivocada sobre a homossexualidade, pois seu autor considerava, o que ele chama de homossexualismo, algo negativo, discute as possibilidades de um relacionamento homoerótico, sob a ordenação de uma sociedade conservadora.

Importa dizer que a obra de Paulo Hecker Filho é, sobretudo, pouco explorada e, mal divulgada, o que contribui para que seu trabalho fique confinado a uma discussão que se desdobra a partir da leitura crítica e pormenorizada de pequenos nichos. Não raro, se observa que as discussões são restritas apenas ao seu Estado, o Rio Grande do Sul. Hecker Filho nasceu

¹ Graduanda do curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Licenciatura, da Universidade Federal de Uberlândia.

² Artigo orientado por Fábio Figueiredo Camargo.

no ano de 1926 e se aventurou como literato ainda muito jovem, aos 23 anos. Dentre as muitas publicações de Hecker Filho, destaca-se *Diário*, composta por uma coletânea de ensaios críticos a autores como Proust e Gustave Flaubert, lançada em 1949, o que lhe rendeu o prêmio PARKS por melhor ensaio do ano no país.

Nas décadas seguintes, Paulo Hecker Filho publicou livros poéticos, tais como *Perder a vida*, em 1986 e *Juventude*, (1998). Apesar da dimensão de sua obra, em que há diversas abordagens, tais como o homoerotismo entre dois jovens adolescentes; o que indica que Hecker Filho é um autor eclético, a discussão aqui proposta ficará circunscrita a um recorte literário, como dito, a novela “Internato”, publicada nas seguintes obras: *Internato* (1951), *Histórias do amor maldito* (1968) e *Juventude* (1998).

Nesta perspectiva, pode se afirmar que seu trabalho não se resume na discussão da novela *Internato*, menos ainda em seus fragmentos. Algo notório é o fato da primeira versão se destacar pela ousadia da juventude, em que Hecker Filho discute temas melindrosos de modo autêntico e com abordagem própria. No caso do texto aqui discutido, o autor apresenta o tema da homossexualidade com eroticidade e ao mesmo tempo com uma poesia singular do primeiro amor, movido pelo desejo, que se desdobra em final dramático.

Destaca-se que o autor, entre as publicações da novela, fez ajustes e alterações importantes que, ao leitor atento, é possível observar a modificação, inclusive, na abordagem textual, alterando não o teor da discussão, mas o desfecho e as implicações do argumento. Por esse motivo, é que se propôs uma análise, observando as divergências e as convergências encontradas nas três versões de “Internato”. Comparam-se elementos do texto que foram alterados, na perspectiva de compreender qual o propósito desta modificação, considerando que se observou um cuidado inverso, isto é, a primeira versão, em um período mais conservador, é mais ousada. A segunda, publicada em plena Ditadura Militar, manteve-se sem alterações, enquanto a última versão, de 1990, em um tempo mais permissivo, sofreu ajustes; compreendido, nesta análise, como um recurso específico para garantir e autoafirmar um ponto de vista. Estes apontamentos serão abordados ao longo do texto, que teve como amparo analítico, os recursos da Literatura Comparada e a Crítica Genética (compreensão da obra através de seu trajeto de escrita).

Noutra perspectiva, vale destacar que ocorre uma frequente perda de registros de escritores, o que compromete o reconhecimento de sua obra e a sua contribuição para a cultura e a história, em especial, de autores brasileiros, os quais apresentam, ao seu tempo, aspectos de costumes sociais. Ora, estas lacunas causam interrupções severas na obra culta e na literatura

do país: “Reconhecer o sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo. Significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiências artísticas.” (BOSI, 2018, p. 411).

Sendo assim, a proposta é fazer análise crítica sobre a novela *Internato*, em suas diferentes edições, reconhecendo a contribuição do autor e a importância da divulgação e discussão do seu trabalho, porém, sem dispensar o olhar crítico sobre o tema tratado, em especial, quando o autor coloca em evidência um olhar que flerta com o preconceito e a exclusão social.

A novela “Internato” sob o prisma da denúncia e do erotismo: um olhar sobre a condição humana

Em “Internato”, Paulo Hecker Filho, de tema delicado para uma sociedade conservadora, como a brasileira, fechada em seus escrúpulos, em um contexto socialmente machista e, marcado pela hipocrisia. Pode-se afirmar que tratar da questão da homossexualidade, especialmente na 1950, quando o conservadorismo predominava, é um ato de coragem. Neste aspecto, o que se observa é que Hecker Filho expôs o assunto de forma explícita, de modo cru, demonstrando o quanto o amor entre dois homens e o desejo na adolescência podem ser conturbados, viscerais, com modos próprios. Ao mesmo tempo, observa-se a singeleza na explosão dos sentimentos dos personagens.

Nesta obra, Paulo Hecker Filho teve a intenção da denúncia, ainda que de maneira equivocada, pois aborda a questão da homossexualidade como uma forma de abordar a exploração dos indefesos, inclusive o abuso sexual infantil. Destacando “um retrato de uma sociedade que vivia entre a escravidão às regras morais impostas pelo sistema capitalista e à cega fé que não questiona a própria existência e, conseqüentemente, os processos que a isso subjazem” (KLUMB, 2021, p. 28).

“Internato” é realista e tinha de o ser. O tema era dos que se evitam por complacência e covardia, pois implica revelações penosas; penosas para uma sociedade que não se importa de ser cúmplice de todos os crimes, desde que não se fira sua pudica e delituosa paz. O tratamento dado a tal tema devia ser grave, sem nenhuma intenção jocosa, como aconteceu. E os que virem no livro algum resquício de pornografia, só podem ser recalçados para quem o simples nomear algo a respeito do sexo, altera, ou ignorantes, incapazes sequer de imaginar uma tentativa de expor seriamente os limites do humano. (HECKER FILHO apud KLUMB, 2021, p 28).

A novela narra o amor e o desejo do adolescente, Jorge, por Eli. Ainda no início do texto, o narrador de Paulo Hecker Filho apresenta Jorge como um sujeito vulnerável, consciente de seus desejos, tanto que, em seus pensamentos, Jorge “não se perguntava se era lícita a apreensão. O que se passava dentro dele, passava-se; aceitava-o sem censura”. Em outra parte, acrescenta que Jorge “sonha as mais audaciosas relações com Eli, cuja imagem permanece ao fundo de suas fantasias, gigantesca, única, adorada” (HECKER FILHO, 1950, p. 07-08).

É razoável afirmar que Jorge alimentava algo maior do que ele mesmo, que foge ao seu controle, um amor/desejo capaz de traí-lo, apenas por olhar para Eli, pois são tão fortes os seus sentimentos, são tão exigentes os seus desejos. Em outro fragmento, em que se torna inequívoco os anseios do interno, o que se observa é o desenho de uma paixão organizada e comedida, mas não represada, porquanto, em seus sentimentos, apenas o fato de olhar, em público, o seu objeto de desejo, “correspondia ao ato de beijá-lo na frente de todos”. (HECKER FILHO, 1950, p. 09).

O narrador destaca que Jorge está no colégio interno há três anos e quase pelo mesmo período ama Eli. Isto o faz compreender que esse seria o seu destino, amar e desejar Eli das mais diferentes formas. Neste viés, Jorge compreendia que seu objeto de amor – paixão - desejo era como a extensão do ar que respirava, precisava de Eli como um suplemento para a vida. O narrador de Paulo Hecker Filho (1950) evidencia que Jorge era essencialmente homossexual, haja vista que:

Embora houvesse tido veleidades de desejos por vários sujeitos, não se prendera a nenhum de modo a poder sequer ser comparado com o sentimento que agora o tomava. Eram atrações efêmeras e ocasionais, e o amor a Eli, ao contrário, punha-o diante de si mesmo: executa-me, sou o que realmente és. (HECKER FILHO, 1950, p. 12).

Em contrapartida, opondo-se a esse sujeito frágil, inseguro, apresenta outra figura, a promessa do homem perfeito, bem resolvido, que sabe usar com propriedade o seu poder de sedução. Ora, Eli é apresentado como o sujeito viril, desejado por todos, homens e mulheres, um sedutor másculo, “um ideal Miguel Ângelo”, consciente de seu poder de sedução. Suas conquistas são presas indefesas, incapazes de reação (HECKER FILHO, 1950, p. 9)

Este, o colégio inteiro o sabia, era o predileto sem rival dos pederastas. Em boa parte por ter sido ele que deflorara a maioria deles, e os amantes de qualquer sexo sempre guardam a fidelidade ao primeiro parceiro. A aparência simpática e mesmo bela que possuía, auxiliava-o nas conquistas, que não se limitavam aliás ao Colégio, tendo, segundo êle próprio afirmava, desvirginado mais de uma moça, executado com outras atos de onanismo e cópulas sem emissão. (HECKER FILHO, 1950, p. 27)

Esta condição viril e privilegiada lhe garantia vários amantes, dentro do colégio interno, pois o fazia objeto de desejo e de conquista. Aquele sujeito pelo qual Eli se interessava era presa fácil; todavia, recebia a prerrogativa de ser especial, ao menos durante o período em que Eli se interessasse pela sua companhia.

Tal renome, longe de afastar os jovens de tendência homossexual, tornava-o a superior conquista, o mais alto amante do colégio. Alguns que dificilmente se entregariam, caíam fáceis por ele. A ponto de que, quando algum grande se tomava de amores por um pequeno inflexível, ia pedir a Eli que lhe abrisse o caminho, devolvendo-o depois. (HECKER FILHO, 1950, p. 28)

Em determinado momento, Hecker Filho (1950) relata a conquista de um menino de dez anos, objeto de desejo de Jônatas, outro interno “grande”; entretanto, apesar das suas investidas, não logrou sucesso. Diante disso, pediu para Eli que o iniciasse para ele. Eli, sedutor como era, estabeleceu uma investida pautada na paciência, por meio de presentes, conversas e carinhos, o que levou o “pequeno” interno a ceder, tornando, ao longo do tempo, um sujeito afeminado, que recebia a todos que lhe tivessem interesse. Esta conquista ficou registrada como “obra-prima de cêrco e de sutileza” (HECKER FILHO, 1950, p. 30).

Ora, como é concebível, para Hecker Filho, a questão do “homossexualismo”² é unilateral, tido como “doença”, algo a ser observado e tratado. Pois ocorre a partir de desajustes familiares, intercorrências desastrosas no seio da família, que contribuem para que esta condição se estabeleça. Como é possível mensurar, ainda quando criança, o sujeito cede às agruras do medo, das incertezas, o que pode comprometer a sua condição de heterossexual. Fazendo com que trilhe por caminhos secundários e humilhantes, algo que não condiz com a natureza equilibrada. Por isso, em sua opinião e, de acordo com as suas afirmações, há uma “precocidade no homossexualismo” - (HECKER FILHO, 1989, p. 131).

Os homossexuais mal se aguentam em si e por isso tantos se expõem ao ridículo. Querem ser castigados, como eles próprios se castigam. Não se julgam homens e assim admitem o juízo pejorativo dos que não são como eles, ainda que imbecis e ainda que verbalmente o neguem. [...] Pesa no homossexualismo, tal como no hetero, muita coisa além do sexo, ao ponto de esse se tornar insignificante nas relações carnavais. Generalizando, a vontade de

² Aqui utilizamos o termo porque o autor o utiliza em seus escritos, mas também não concordamos com o uso homoerotismo, que não carrega as marcas da patologização à qual a atração de seres do mesmo sexo entre si foi submetida até deixar de ser categorizada como patologia em 1990 pela Organização Mundial da Saúde. O sufixo de origem grega ‘ismo’, além de denotar “condição patológica”, é o mesmo que usamos para indicar “doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>. Consulta realizada em 02/fev

dependência e submissão, em contraste com a subjugação e domínio e intercorrentes em variados graus, são não raro decisivas nos relacionamentos. (HECKER FILHO, 1989, p. 132).

É justificável inferir que, para Hecker Filho (1950), ser homossexual consiste em condição do sujeito que manifesta atração sexual por parceiros do mesmo sexo. Tal situação não compromete a condição do parceiro, que não apresentando estes “desvios” não tem a sua condição heterossexual comprometida, mesmo que mantenha relações com parceiros do mesmo sexo. Essa perspectiva é importante para compreender a obra “Internato”, pois a proposta se ateve a uma análise comparativa, mas também compreendeu este posicionamento de Hecker Filho, no contexto dos anos 1950. Tal maneira de se expressar torna-se mais evidente, em especial, na última versão, em 1990. Nesta edição, pode se observar um zelo maior pela preservação do personagem Eli e a manutenção da sua masculinidade.

A literatura comparada e a crítica genética: instrumentos para uma análise entre as edições da novela “Internato”

Conforme indicado, serão utilizados os recursos da Crítica Genética, uma vertente da Literatura Comparada, com o objetivo de compreender a evolução histórica do texto de Paulo Hecker Filho, naquilo que se refere à sequência de edições da novela “Internato”. Interessa destacar que o autor do texto modificou, não apenas a estrutura, mas também o conteúdo da narrativa. Ou seja, não ocorreu apenas um ajuste linguístico ou ortográfico, considerando que, após a primeira edição, decorreram duas importantes mudanças ortográficas, a primeira em 1971 e a segunda em 1990, adotada no Brasil em 2009.

Para a proposta deste texto, o recurso da Crítica Genética oferece possibilidades para análise de trabalhos literários, uma delas é observar a trajetória de produções artísticas. O que, em certa medida, estruturou a análise deste trabalho, pois permitiu, em um primeiro momento, pensar que essas mudanças foram ocasionadas para garantir um ajuste às transformações linguísticas e ortográficas. Todavia, apesar de se observar esse cuidado do autor, tornaram-se evidentes outras precauções, considerando que, de fato, houve um ajuste textual na narrativa, isto na última versão, porquanto pode se observar, também, um texto mais pragmático, menos poético, mais objetivo.

Da primeira para a última versão, o que se observa é que o comportamento de Jorge permanece, suas falas e ações, mas Eli torna-se mais reservado, mais discreto, em especial, na última parte do texto. Como se houvesse uma preocupação do autor em preservar a

masculinidade e a condição heterossexual do personagem. Pode-se constatar que não ocorreu alteração significativa da primeira para a segunda edição, publicada em 1967.

Nesta publicação, a poética da primeira edição permanece inalterada, a subjetividade das palavras e apresenta uma sensualidade maior e uma erotização despreocupada no personagem Eli, o que não ocorre na edição de 1990, pautada pela escrita objetiva, fluida, com menos metáforas. Nesta versão, Paulo Hecker Filho suprime minudências, o que torna o texto mais contundente.

Sentado, almoçando, as coisas acontecem mortas, palavras, comida, pequenas expectativas. [...] O arroz caminha pelo esôfago, insípido e sólido. Os olhos dominam o prato e não enxergam nada. Volto-me? Volto-me? Vira-se. Lá está Eli rindo-se. Para Jorge é belo. E o é realmente. (HECKER FILHO, 1950, p. 09)

Sentado, almoçando, mal se interessa pela comida que faz a felicidade da maioria, apesar das queixas para se dar ares. Pensa que se olhar para trás, dá com Eli. E no fim da sua refeição rápida, isso ganha uma força como se o fitar correspondesse a beijar em público. Não pode e tem que olhar. A comida lhe desce sólida, insípida. Encara o prato e mal o enxerga. Vira-se? Vira. Lá está ele sorrindo, como é bonito. (HECKER FILHO, 1990, p. 39).

Conforme pode ser verificado, comparativamente, nos fragmentos acima, na versão de 1951, o momento vivenciado por Jorge é visceral e é possível observar a significância do sentimento. Na de 1998, a mesma situação é apresentada de maneira mais superficial, pois a narrativa foca na descrição da refeição e na reação dos rapazes perante o alimento na seguinte oração final “Lá está ele sorrindo, como é bonito”.. Como se houvesse o interesse em dispersar a atenção do leitor.

Na primeira versão, em determinado trecho, para destacar a beleza de Eli, Paulo Hecker Filho o compara a uma estátua produzida por Miguel Ângelo, enquanto que na de 1998, é destacado como o sujeito viril e bonito, desejável, mas sem redundâncias, pois o destaque para a masculinidade desse sujeito parece ser o interesse maior. Noutra ocasião, quando um grupo de rapazes está retornando de uma festa, com os sentidos alterados por causa da bebida, o que se percebe é o autor diminuir sutilmente o comportamento de Eli, em uma tentativa de preservar a masculinidade do personagem. Suas respostas são mais comedidas e, em alguns momentos, há uma precaução do rapaz.

Jorge passou o braço pelo pescoço de Eli e o reteve fortemente. Como os demais tudo ignoravam, e ao mesmo tempo Jorge descansasse o outro braço no ombro dum companheiro, só Eli conheceu a carícia. Em certo trecho, aproveitando a escuridão momentânea, Jorge uniu a cabeça à de Eli roçando

rápido os lábios pelos seus cabelos. **Compreendendo, Eli desceu os braços dos ombros de Jorge e envolveu-lhe a cintura suavemente.** (HECKER FILHO, 1950, p. 34, grifo nosso).

Nesta narrativa, é possível observar que Eli percebe a investida de Jorge e aceita gentilmente o jogo de sedução. Nesta edição, o momento é retratado com minúcias e ele permite que o personagem se manifeste mais despreocupadamente. Enquanto que na versão de 1990, a passagem não é suprimida, mas tem o encanto reduzido: “Com o braço no ombro de um colega, Jorge passou o outro firme no de Eli, mas só esse pode medir a intenção. Aproveitando um escuro, uniu a cabeça à dele, roçando os lábios por seus cabelos. *Eli desceu o braço dos ombros de Jorge até abaixo da cintura*”. (HECKER FILHO, 1990, p. 48, grifo nosso).

Nesta frase, não há comprometimento por parte de Eli. Aparentemente, ele não correspondeu à investida de Jorge, pode ser interpretado como um ato mecânico, sem outras pretensões por parte do rapaz. Outro fragmento que permite compreender essa situação é o momento da chegada dos internos ao Colégio, que na versão de 1950, esclarece que: “Ao descerem no Colégio, *Eli evitou Jorge, por cansaço, e não lhe deu oportunidade de insistir*”. Em 1990, o ajuste dá uma conotação diferente ao texto: “Ao descerem no ponto do Colégio, *Eli, cansado, o evitou e não deu para insistir*”. (HECKER FILHO, 1990, p. 48, grifo nosso).

Na primeira versão, fica subentendido que, não fosse pelo cansaço, Eli teria dado oportunidade para Jorge seguir com suas investidas. Na última, observa-se a preservação do personagem de Eli. Em outra ocasião, em que os rapazes estão em outra festa, Eli se ajeita em companhia de alguma moça, dada a beleza de Eli. Jorge, por sua vez, tendo o objeto de desejo distante e não lhe dando a atenção desejada, começa a beber; em pouco tempo já se mostra alterado pelo álcool, falando alto e chamando o colega para lhe acompanhar. Nesta passagem, pode se constatar alterações sutis, mas que, novamente, preservam a figura de Eli.

Hecker Filho narra que, enquanto Eli dançava, Jorge gritou para que viesse tomar um boule. O rapaz vem acompanhado de sua parceira de dança e Jorge, que já se mostrava embriagado, insiste em servi-los com a bebida, ao que derrama na mesa, molhando o vestido da moça, que sai irritada com a situação. Na primeira versão, Eli se diverte, conforme o seguinte fragmento: “Enquanto ela se retira sem dar explicações, *vendo Eli rir muito do que ele havia feito, Jorge esquece o resto a rir abertamente*. Depois, põe-lhe o braço nos ombros e insiste: — Bebe, Bebe. — Quando Eli termina, reenche as taças” (HECKER FILHO, 1950, p. 43, grifo nosso).

Ora, a mesma situação, na versão de 1990, apresenta um Eli comedido, porquanto acrescenta uma fala, que seria de uma pessoa responsável. Pois nesta edição, quando Jorge

insiste para que o rapaz venha beber e este está dançando, ele responde: “Eu vou, mas devagar, hem! Devagar!”. Na primeira versão, ele apenas diz que irá. Nesta narrativa, a mesma situação apresentada acima, ocorre de maneira mais sóbria, pois assim que Jorge derrama boule no vestido da moça, ela se retira brava; na sequência, narra-se a passagem do seguinte modo: “*Eli continuava a sorrir, agora para Jorge, que também ri*. Esse quer que ele beba. Obedece. Quando termina já está o outro reenchendo as taças”. (HECKER FILHO, 1990, p. 51, grifo nosso).

Na versão de 1998, não há diversão, a situação ocorre, mas Eli é reservado, o imprudente é apenas Jorge. Nesta festa, em ambas as versões, em algumas passagens, Eli se mostra impaciente com determinadas atitudes de Jorge, mas ainda assim, não há preocupação com a conservação do personagem. Ele se mostra impaciente, porque realmente o outro, bêbado, se torna inconveniente. Tanto, que em determinados momentos, Eli evita passar perto do rapaz. Mas ainda assim, se diverte:

Na copa, Jorge bebe ainda mais, nadando em despeito. Não se contém que não volte a chamar várias vezes por Eli, que, afinal, *fingindo contrariedade*, pede licença à moça para ver o que Jorge deseja.
— O que há, Jorge, o que há? — *E como sabe perfeitamente do que se trata, faz a pergunta sorrindo*. (HECKER FILHO, 1950, p. 46, grifo nosso).

Na última versão, Hecker Filho (1998, p. 52, grifo nosso) demonstra, realmente, que a postura de Eli está diferente, pois manifesta um desagrado verdadeiro, considerando que após a insistência de Jorge, sua atitude é de real descontentamento: “*Contrariado*, esse pede licença para ver o que o outro quer. — *Que é que é isso, Jorge? Dando espetáculo!*”. Aqui não há um jogo de conquista, em que Eli provoca o outro, despertando ciúmes, deixa evidente que não está confortável com o comportamento do rapaz ciumento. Na primeira versão, se posta sarcasticamente e se diverte com o descontrole do jovem apaixonado.

Diante do comportamento exaltado de Jorge, ambos foram convidados a se retirar da festa e saem sozinhos, noite adentro, o que desperta em Jorge a esperança de realizar seus desejos libidinosos com o seu objeto de desejo. E ele chama pelo companheiro:

— Eli!
Este se vira sem saber o que esperava. Bruscamente Jorge o abraça, beijando-lhe o pescoço.
— Que é isso, Jorge?... — Eli trata de afrouxar, sorrindo, o abraço. (HECKER FILHO, 1950, p. 48, grifo nosso).

Na mesma situação, Paulo Hecker Filho (1990, p. 53, grifo nosso) narra uma reação

diferente, pois quando Jorge chama por Eli, a postura deste é diferente: “*Esse se vira, calculando o que o esperava e o que vem a seguir. Jorge o abraçava, lhe beijando o pescoço [...]*”. E após um descontrole do rapaz apaixonado, que começa a chorar diante da resistência de Eli, são apresentadas duas situações distintas. Na primeira versão, observa-se a declínio do rapaz, mas com certa permissividade: “*Eli bate-lhe no ombro, consolando: — Jorge, Jorge, que é isso? — O conforto de qualquer toque de Eli volta a exercer aquela influência imperiosa. Nada tinha importância em comparação com aquele afago. Eli consolava-o*”. (HECKER FILHO, 1950, p. 49, grifo nosso).

Na última edição, Hecker Filho (1990, p. 53, grifo nosso) ajusta o trecho, o que faz perder a implicação de envolvimento, conforme pode ser verificado: “*Eli lhe toca o ombro: — Jorge, que é isto? — A mão de Eli volta a exercer conforto. O que tem importância é a amizade*”. Nesta versão é apresentado um Eli penalizado pelos arroubos do colega. Mas, na seqüência, concordam em ficar juntos, embarcam em um carro de praça, Jorge assume todas as despesas, pois Eli declara estar sem recursos. Lidam com o deboche do motorista e das donas dos randevus, que não os aceitaram. Até que encontram um bordel que concorda em alugar um quarto para os rapazes, mas com muita hostilidade por parte da dona da casa.

Apesar dos gastos e de todo empenho de Jorge, o tão sonhado encontro não ocorre como o esperado, pois, mais uma vez, Eli se mostra cansado e, só neste momento, revela que está se curando de uma gonorréia, portanto, teme excitar-se e se prejudicar ainda mais. E, apesar de todo o esforço de Jorge, não consegue fazer com que seu companheiro corresponda à sua expectativa. O máximo que granjeia é fazer sexo oral em seu parceiro quase adormecido. Mais uma vez, observa-se o discurso poético de Hecker Filho na primeira edição, quando Jorge tem esse momento que ocorre, ainda que de maneira acanhada, restrita, mal começada e acabada às avessas de seus sonhos. Ao apresentar a cena, o narrador de Paulo Hecker Filho (1950, p. 58 – 59) produz um texto marcado pela poesia:

Ó! A quem invocar se o céu está deserto?! Que terrível é o amor, que vertigem capaz de transtornar todos os sentidos, que caos aberto sob a fragilidade de nossas resistências! Ninguém falará em nome dos que estão enlouquecendo em quartos perdidos na mesma noite em que feras famintas buscam presas e serpentes engolem sapos e sapos, insetos, e todos devoram e gritam e copulam? [...] Na mesma noite em que as árvores esperam fixas, fixas, a grande paz de não serem mais? Ninguém falará, ninguém bradará, ninguém estenderá a mão a Jorge cuspidando pus e esperma num deslumbramento de milagre [...] ao mundo que lhe tem preparada a infamação e há de perseguí-lo constantemente por ter ele cometido o crime de amar, e com tal delírio que arrastou com os preconceitos, as cóleras e a punição dos ferozes normais? Ó noite! Que não seja vã a loucura vivida por Jorge, que faça crescer o perdão dos homens, o perdão.

Ora, em um momento primordial para Jorge, toda a vida corre e, do mesmo modo que Eli se mantém indiferente ao momento epifânico vivido por ele, Jorge desperta a compreensão absoluta de ser quem é. Naquele instante, ele compreende sua beleza e solidão. Hecker Filho, em certa medida, lamenta a conjuntura estabelecida para aquele personagem, porquanto, é maior do que ele e fatalmente o fará sofrer, pois esta é condição dos que decidem ir na contramão do pré-estabelecido. Na versão mais recente, a mesma situação é posta, com menos sonoridade e poesia.

Que coisa é o amor! É mais que ser feliz. Deu com ele, deu consigo mesmo e agora é um homem, um...um putto, vão saber, mais um putto no Colégio, no mundo. Marcado. Marcado para a vida para a vida. Podia ter resistido? Era não viver, não podia, não devia. Tinha de ir até o fim com Eli, sua porta de acesso à verdadeira vida. Ousou transpô-la, embora soubesse que assim não ia dar. O Colégio vivia em torno disso e não perdoava. E aqui fora era o mesmo, o chofer, as madames, as gurias... Ninguém perdoava. (HECKER FILHO, 1990, p. 57).

Ora, neste trecho, o que se percebe é a realidade dolorida, infausta daqueles que não respeitam o limite estabelecido. Àqueles que rompem as fronteiras sociais, as divisas do que é estabelecido como correto. Até os marginais que ultrapassaram as raias do permitido não perdoam. Não existe nada de romântico neste *status*, pois é uma condição assustadora. Narrado, desse modo, pode inibir outros que pensem transpor o limiar desta circunstância, pois, fatalmente, ao cruzar esta divisa, se tornará um pária social.

Diante desta posição, o sujeito que decide abrir mão da sua propriedade de masculinidade, para se tornar um putto, não só no espaço restrito, mas do mundo, pagará o preço da escolha. No mesmo trecho, em 1950, o autor não dá esta significação para a condição de Jorge, em que há um olhar solidário para a condição do personagem. Em que a possibilidade de plenitude, de ser um sujeito inserido no mundo, capaz da troca, da escolha, do pertencimento estaria sepultada na condição de um transviado. Ele mostra as circunscrições da condição, mas de maneira poética, resguardando a conjuntura escolhida pelo personagem.

Paulo Hecker Filho corrobora esse pensamento no desfecho do texto, pois o que ocorre é que Eli, ao deixar Jorge no randevu, o abandona à sorte, visto que segue para o Colégio e relata para todos o que havia ocorrido. Quando Jorge adentra ao espaço, vivencia a sua nova condição da maneira mais dura, vil e exclusiva — do não pertencimento — e vive, naquele mesmo dia, a solidão dos excluídos, dos marginalizados. Observa os olhares de desprezo e de deboche, que já havia vivenciado anteriormente na figura do taxista e das donas dos bordéis, assim como sofre a agressão do melhor amigo, Alfredo. Caído no chão, entende a nova

conjuntura da sua vida: “está ali, sobre a terra, como um verme escalpelado por aqueles olhares que dizem frêsko, nojento” (HECKER FILHO, 1950, p. 69).

Na versão de 1998, altera-se a forma da escrita, mas mantém-se o sentido da situação, em que, de fato, Jorge se tornou um pária da sociedade, consciente de que seu fado será exatamente esse, não há caminho seguro para os que fogem da “normalidade”. Ora, “o rosto sujo de pó, sangue e lágrimas, passa pelos que olham, pelo mundo, aceita a condição de pária e corre ao encontro dela [...]”. (HECKER FILHO, 1990, p. 61).

Esta mesma situação não é vivida por Eli, pois, apesar de ter concordado em seguir para o randevu, em companhia de Jorge, ter permitido que ele o masturbasse e aceitado o sexo oral; para a sociedade, ele, o masculino, é diferente, não é considerado um impudico, continua com a sua fama de conquistador. Mesmo quando chega ao Colégio e narra os fatos, denunciando o parceiro, ainda é tido como superior.

[...] repetia a qualquer conhecido, impressionavam, e não havia quem não se sentisse no dever de verberar, com a máxima saúde, com a máxima aspereza, a conduta de Jorge. A fama de Eli, porém, ainda que uns raros o culpassem, crescia nos corações, inclusive de muitos que diziam culpá-lo. (HECKER FILHO, 1950, p. 69).

Ao ser reeditada, em 1998, a narrativa do trecho se apresenta mais objetiva e direta. Mas na mesma situação, Eli tem a sua fama aumentada, se consagrando como um verdadeiro herói, naquilo que repercute à conquista. Na edição de 1951, não há a preocupação em citar o caso da gonorreia. Mas na edição de 1998, além de colocar a atitude de Eli como sensacional, esse detalhe é citado, talvez com a pretensão de masculinizar a personagem. “Os detalhes, finalmente narrados por Eli, sem esquecer a gonorreia, foram levados aos quatro cantos com júbilo e surpresa. Sensacional e, ao mesmo tempo, todos se davam no direito de verberar Jorge” (HECKER FILHO, 1990, p. 60).

Jorge, por sua vez, é visto como o sujeito desprezível, incapaz de se portar com dignidade, enquanto seu parceiro é visto como um conquistador hábil, para ele sobra os olhares sentenciosos e sem misericórdia. Como consequência da indecorosidade que se revelou no ato dos rapazes, em especial, por parte de Jorge, ambos foram expulsos do Colégio; todavia, Eli, um mês depois foi readmitido.

Jorge, em contrapartida, tem o futuro deixado na obscuridade, pois neste arremate, há uma ambiguidade e uma inconcisão, tanto que nesta primeira versão, Hecker Filho termina a narrativa com uma interrogação, “[...] *ia voltar a ser apenas o filho de sua mãe. Ia voltar?*”. Nesta narrativa, ainda apresenta esse indivíduo inserido em uma tessitura social, pois

o Jorge que estava sendo ultrajado tinha uma família, apesar de não apresentar a figura do pai: “[...] o Jorge, *o filho de sua mãe*, o irmão de seus irmãos”. (HECKER FILHO, 1950, p. 69, grifo nosso).

Na última versão, Hecker Filho (1990, p. 61, grifo nosso), apresenta seu personagem, como escória, uma vez que “Jorge faz as malas e segue na mesma noite, de trem para casa. *Mas já não vai voltar, sabe, a ser o filho de seus pais*, o irmão de seus irmãos”. Ora, se antes havia uma incerteza, agora o fato é consumado. Ele sabe que está retornando, mas não será mais aceito entre os seus pares. Não será o filho de pais, também não será o irmão dos seus irmãos, não há espaço para esse sujeito transviado e transgressor, resta-lhe a marginalidade, pois não será respeitado, sequer, em espaços marginais.

Quarenta anos depois: uma trajetória de reafirmações

Após a análise dos textos, tendo como base a comparação das edições, foi possível entender um pouco mais sobre este escritor. Ao olhar desavisado ou descuidado, pode parecer que Hecker Filho mudou seu posicionamento frente ao assunto tratado. Na realidade, ele se mantém absolutamente coeso com as suas impressões passadas, a única coisa que se observa na última versão — talvez —, é um acirramento no seu posicionamento. Em 1950, há um jovem com 23 anos, com o desejo de fazer uma denúncia sobre os abusos ocorridos em espaços institucionais. Jovens que não tinham voz, nem vez, como o caso de Jorge, que foi aliciado sem que ninguém zelasse por ele. Mas também há uma exortação aos jovens com desejos transviados, em que o autor alerta para a possível marginalização e exclusão social.

Faltava que se tivesse a coragem de falar pelos jovens cujas circunstâncias presidiárias dos internatos conduzem à fixação em indivíduos do mesmo sexo. E que alguém erguesse a voz por estes jovens desencaminhados para quem a sociedade só tem desprezo, olvido e cólera, sendo incapaz de procurar compreendê-los. Compreender... ao menos ajudar que se comece a fazê-lo – que outra missão cabe a um escritor? (HECKER FILHO, apud KLUMB, 2021, p. 29).

Verdadeiramente, há uma graciosidade no primeiro texto, algo mais romântico, mais encantador; todavia, deixa evidente o destino do indivíduo que faz sua escolha contra a masculinidade reconhecida. Esta versão, permite pensar em Hecker Filho saindo em defesa dos homossexuais. Mostrando que são pessoas que amam, que desejam, que sonham e querem ter o amor, o respeito, a coragem do enfrentamento social, que pretendem exigir o seu espaço.

Talvez, se não houvesse a versão de 1998 e a publicação de 1989, “O que é homossexualismo”, poderia prevalecer essa percepção, visto que consiste em texto ensaístico de Paulo Hecker Filho.

Entretanto, Hecker Filho, em sua maturidade, quis — talvez —, corrigir essa impressão equivocada da sua narrativa. Primeiro, evidencia o seu pensamento sobre o que é o “homossexualismo”. Conforme aponta Fábio Camargo (2021, p. 13), em “Masculinidades em Internato, de Paulo Hecker Filho”:

Em um artigo intitulado “O que é homossexualismo”, o autor levanta uma pesquisa de fontes científicas, citando estudos de Sigmund Freud, Masters e Johnson, e Sandro Rado para demonstrar sua tese, que, mesmo solidária aos homossexuais, ainda vê neles um caráter negativo. [...] para o autor, eles são sujeitos que aceitam a imposição social, devido ao desprezo por si mesmos. Escrito em meio à luta pelos direitos civis no Brasil, o artigo carrega muito da marca da geração do autor ao olhar para o homossexual como alguém sempre angustiado e carente de atenção. (CAMARGO, 2021, p.13).

Ora, nesta perspectiva, o sujeito que se rende a outro, é doente, precisa de cuidado e não faz jus à masculinidade. Em 1990, ocorre a nova versão de “Internato”, em que Hecker Filho apresenta um Eli aos moldes anteriores, mas de maneira mais comedida, ao mesmo tempo em que é um conquistador de homens e de mulheres — na atualidade seria considerado um bissexual —, permanece com o título respeitável de homem, o masculino, socialmente aceito. O autor mantém o teor da discussão, mas se mostra rígido. Os excessos são cometidos apenas pelo personagem de Jorge.

Por esse viés, observa-se um Paulo Hecker Filho, maduro, inserido socialmente, que repensa a publicação e demonstra o desejo em ser mais coerente com os seus princípios. Como dito anteriormente, a novela “Internato” apresenta algumas contradições, especialmente na última edição, mas é possível observar o destaque e a manutenção do pensamento de que o sujeito homossexual é ‘doente’, mas o seu parceiro, que, supostamente, assume a condição ativa, desde que não apresente traços amaricados, é aceito socialmente como homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho reafirmou a certeza da relevância de ampliar o olhar para outros autores e suas obras, da importância de se criar tessituras que espalhem conhecimentos regionais, que podem contribuir com a Literatura Brasileira, bem como com as discussões, que são abordadas por esses autores. Importa ressaltar que algumas dessas

discussões, como a abordada neste texto, são atemporais, mas sempre importantes, especialmente quando trata da condição humana e a inserção do sujeito no todo social.

Paulo Hecker Filho aborda o tema da homossexualidade a partir de suas convicções, neste caso, temporais, mas aborda a questão, permitindo a discussão a partir de outros posicionamentos e pensamentos. O que viabiliza o uso do texto para novos olhares e outras reflexões, mais atuais e inclusivas. Às avessas, o texto permite pensar novas formas sociais para inclusão do indivíduo que faz sua orientação sexual a partir de seus sentimentos e vontades, o que não o modifica enquanto sujeito social.

Sobre a novela “Internato”, pode-se afirmar que há mudanças significativas na edição de 1998, que deixa, de certo modo, evidente o desejo do autor em marcar seu posicionamento contrário ao “homossexualismo”. Ele destacou seu desejo de não ser um apoiador das causas homossexuais, mas um sujeito que pretende alertar para as consequências de tal escolha.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2018.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. Masculinidades em Internato, de Paulo Hecker Filho. in **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Volume 40, jun. 2021 – 1-139. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/43511>. Acesso: jan./2022.

GARCÍA, César, Paulo. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016.
CAMARGO, F. F. O romance Atração e seu registro no Diário de Octávio de Faria. *Leitura*, [S. l.], n. 68, p. 250–266, 2021. DOI: 10.28998/2317-9945.2021v0n68p250-266. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10049>. Acesso em: nov./2021.

COUTINHO, F. Eduardo; CARVALHAL, Franco, Tânia. **Literatura Comparada: Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. DELFOS. Espaço de Documentação e Memória Cultural. Acervo Paulo Hecker Filho. Disponível em: PUCRS. Acesso em: 28 de set. 2021

HECKER FILHO, Paulo. **Internato**. Edição Fronteira, 1951. HECKER, Filho, Paulo. Internato (in): Histórias do amor maldito. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

_____, Paulo. **Diário**: dezembro, 1948 – março, 1949. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1949.

_____, Paulo. **Juventude**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____, Paulo. **Um tema crucial**: aspectos do homossexualismo na literatura. Porto Alegre: Sulina, 1989.

KLUMB, Mateus. **A Poética de Paulo Hecker Filho**. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras).

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, p. 130. 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9524/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Mateus%20Klumb%2018%2002%202021.pdf>>. Acesso: jan./2022.

SALLES, Almeida, Cecília. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: Edue, 2008.

SANTOS PAZ, Dioni Maria dos, et al. (Org.). **Orientações sobre a nova ortografia da Língua Portuguesa do Brasil** – o que mudou. 1ª Ed. Revisada 2009 - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). <https://www.uergs.edu.br/upload/arquivos/201607/14155251-guia-ortografico-nova-ortografia.pdf>. Acesso em fev./2022.